

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº630

De 04 de março
a 17 de março

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



TODO APOIO À RESISTÊNCIA DO POVO UCRANIANO!

**Pela derrota da invasão russa
e de Putin na Ucrânia!**

**Fora as garras dos Estados
Unidos, da OTAN e da União
Europeia da Ucrânia!**



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



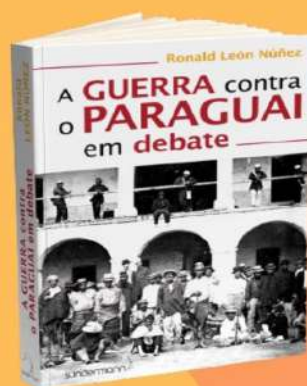
Helio de la Peña + Paloma Santos + Ze D'Assilva

“Entendo a leitura do presidente Putin, que ele é uma pessoa que busca a paz”



Bolsonaro, logo após ter se encontrado com o presidente russo no dia 16 de fevereiro

LANÇAMENTO!



Uma interpretação marxista da Guerra contra o Paraguai, por Ronald León Núñez

R\$ 100,00

EDITORIAL **Sundermann**
www.editorasundermann.com.br
(11) 98649-5443

PILANTRAGEM

Aos amigos, tudo

Após ter vetado o programa de refinanciamento de dívidas para MEIs e pequenas e médias empresas, os setores mais afetados pela crise e a pandemia, Bolsonaro resolveu dar um agrado a um outro setor: os aventureiros amantes de asas-delta e jet-skis. Estes vão se beneficiar do fim da tarifa de importação desses produtos. O imposto de 18% que incidia sobre esses produtos foi zerado.

Ao jornal O Globo, Waldir Ferraz, vulgo Jacaré e assessor do governo do estado do Rio de Janeiro, amigo de lon-



ga data de Bolsonaro, afirmou que as inusitadas medidas foram tomadas por sua intervenção direta. Waldir, ou Jacaré, é quem organiza as motociatas do amigo. “Depois de anos de batalha, conseguimos a isen-

ção de imposto de importação para asas, balões e planadores. E entrou nessa brincadeira agora também o jet ski. Devemos isso ao nosso presidente. Agora é comprar as asas e voar”, postou Jacaré nas redes sociais.

BAHIA

Mais uma chacina da polícia de Rui Costa (PT)

Mais uma ação violenta e assassina contra a juventude negra neste país, perpetrada pela Polícia Militar. Desta vez, em Salvador (BA), onde, no último dia 1, três pessoas foram alvejadas pela PM do governador Rui Costa (PT). O crime ocorreu na região do Gamboa, por volta das 2h. Segundo moradores, a polícia chegou atirando gás lacrimogêneo e fazendo disparos. As vítimas foram um jovem de 20 anos, um segundo garoto e uma mulher de 30 anos que teria deficiência intelectual. A versão da polícia é que teria havido troca de tiros, além de um refém, o que é contestado pelas testemunhas. A mãe de um dos jovens afirma que a polícia não a deixou ver o filho baleado. “Eu cheguei e falei: ‘moço, eu quero ver meu filho’, e eles apon-



taram as armas para mim. Eu sou uma criminosa? Se eu fosse criminosa, eu estava mostrando meu rosto?”, declarou à imprensa. Revoltados, os moradores fizeram uma manifestação contra a barbárie da PM, e fecharam a Avenida Contorno. “Na Gamboa de Baixo não tem só traficante

e ladrão, tem moradores, gente de bem, tem crianças. Eles têm que fazer o trabalho deles, a população não mexe, mas chegar da forma que chegaram, dando tiro e matando, tá errado”, disse uma das moradoras.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Por uma ampla campanha pela derrota da invasão russa à Ucrânia

Fora Bolsonaro do Brasil e fora Putin da Ucrânia e da Rússia

Enquanto fechávamos esta edição, tropas russas avançavam rumo à capital da Ucrânia, Kiev, que continuava a sofrer fortes bombardeios. Apesar do brutal ataque de Putin, as forças russas parecem ter se deparado com uma inesperada resistência popular. Cenas de civis se armando, inclusive com idosos empunhando fuzis, e pessoas simples fabricando molotovs a fim de se protegerem dos tanques russos, se espalham pelas redes e provocam comoção.

Apesar da intensa propaganda oficial russa, repercutida por boa parte da esquerda, não se trata de uma ação de autodefesa do Kremlin contra o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Putin nunca foi contra a Otan, muito pelo contrário. Esteve ao lado dos EUA, por exemplo, na ocupação do Afeganistão. A aliança militar, por outro lado, fechou os olhos à repressão das tropas russas junto com o governo do Cazaquistão contra o levante ocorrido no país no ano passado. Putin, na verdade, administra o processo de recolonização nos países do ex-bloco soviético, cobrando, junto com outros oligarcas corruptos, sua propina. Por anos foi o garantidor da estabilidade social na região, com mãos de ferro, repressão e opressão das nacionalidades.

O que existe é uma agressão militar contra um país secularmente oprimido. A raiz dessa reação russa está na revolução na Ucrânia que, em 2014, derrubou o governo títere de Yanukovich. Putin não concebe uma Ucrânia livre sem um governo que não seja sua



marionete. Não há qualquer caráter anti-imperialista aí. Há sim um projeto de dominação de Putin dos países que compuseram a zona de influência russa durante séculos e que conquistaram recentemente a independência. O líder russo se aproveita de sua aproximação com a China, e da disputa entre esse país e os EUA (dois blocos reacionários), assim como das contradições da UE, para avançar nesse projeto.

O Otan e os imperialismos norte-americano e europeu precisam ser derrotados. A Otan, inclusive, precisa ser dissolvida. O que Putin está fa-

zendo, além de não representar nenhum movimento anti-imperialista, fortalece a Otan e o imperialismo. Legítima o bloco militar encabeçado pelos EUA perante o mundo e facilita a adesão de outros países, como a Finlândia e a Suécia.

Outra campanha comandada por Putin tenta passar a imagem de uma Ucrânia “nazificada”, dirigida por um governo fascista, ou semifascista, hegemônico por grupos de extrema direita. O governo de Zelensky é um governo burguês, submisso ao imperialismo e que nem mesmo contra a Rússia foi capaz de se preparar de fato para uma invasão.

Mas a realidade é que os grupos nazistas tão propagandados pela Rússia e a esquerda stalinistas são extremamente minoritários no país. Putin é quem tem estreitas ligações com movimentos da extrema direita, não só dentro de seu país, como no mundo. A Rússia hoje é o farol da extrema direita no mundo. A amizade com Trump, com o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, e inclusive com Bolsonaro mostra isso.

Bolsonaro foi um dos únicos chefes de Estado que foram se solidarizar e prestar apoio a Putin quando este preparava a invasão. Na pauta do encontro, sabemos que estava o fornecimento de fertilizantes, vital para o agronegócio brasileiro e que mostra o grau de desmonte do Brasil. Nos últimos anos, a desindustrialização do país acabou até mesmo com a produção de adubos. O fechamento da Fafen, subsidiária da Petrobras, em 2020, é expressão disso.

Outro ponto que muito provavelmente entrou na pauta foi o pedido para a utilização do enorme aparato de guerra cibernética e fake news que a Rússia se especializou nos últimos anos, e que foi determinante para a vitória de Trump. É por isso que Bolsonaro tenta se manter “neutro” diante do ataque e da invasão à Ucrânia.

Lutar pela derrota de Putin Diante da agressão militar à Ucrânia, parte da esquerda vem adotando uma postura vergonhosa de apoio a Putin. Tentam pintar um Putin supostamente anti-imperialista, que não existe. Mentem sobre a Ucrânia para justificar a invasão. Colocam-se contra Lê-

nin, que defendeu a autodeterminação das nações oprimidas e implementou isso enquanto esteve à frente do Partido Bolchevique, inclusive fato lembrado pelo próprio Putin. E se colocam, na prática, ao lado de Bolsonaro.

É preciso chamar de forma contundente pela derrota militar da Rússia e por armas para o povo ucraniano. E se posicionar também pela saída da Otan do Leste da Europa. Uma vitória militar das massas ucranianas contra as tropas de Putin teria uma ampla repercussão na correlação de forças da luta de classes, em nível internacional. Colocaria Putin, que esmagou qualquer mobilização de oposição, na berlinda. Fortaleceria e inspiraria o movimento de massas. E isso é justamente o que nem Putin, nem os EUA ou a Otan e a UE, querem.

É necessário empreender uma ampla campanha de apoio à resistência do povo ucraniano. Organizar comitês como foi na época da guerra no Iraque. Exigir que o governo rompa relações diplomáticas com a Rússia. Exigir dos sindicatos, movimentos e entidades de classe que organizem ajuda operária à Ucrânia. O povo ucraniano precisa de solidariedade e de armas para enfrentar a invasão e a ocupação de seu país. A vitória do povo ucraniano é a derrota de Putin, do imperialismo e de Bolsonaro. Pela derrota da invasão militar russa à Ucrânia! Por uma Ucrânia unificada e livre da opressão russa! Fora as garras dos Estados Unidos, da Otan e da União Europeia da Ucrânia!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MQNIMO](https://bit.ly/3MQNIMO)

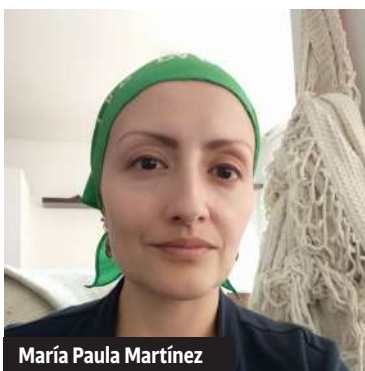
VITÓRIA DAS MULHERES

Colômbia legaliza o aborto até 24 semanas

No último dia 21 de fevereiro, a Corte Constitucional da Colômbia decidiu pela descriminalização do aborto até as 24 semanas. Com isso o país passa a ter uma das legislações mais avançadas do mundo sobre o aborto. O Opinião conversou com María Paula Martínez, médica, ativista pelos direitos das mulheres e das pessoas sexualmente diversas e militante do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) da Colômbia, filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores, que contou um pouco como se deu essa conquista.



ÉRIKA ANDREASSY,
DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU



Opinião - Há poucos dias, a Colômbia legalizou o aborto até 24 semanas, como era a legislação antes disso?

María Paula Martínez - Faz mais de 15 anos que a Colômbia descriminalizou o aborto, sem limite de idade gestacional, em três situações: estupro, malformação incompatível com a vida e por motivos de saúde, incluindo saúde psicológica. Contudo, milhares de abortos que deveriam ser legais continuaram sendo clandestinos e inseguros devido às barreiras e à interpretação equivocada da lei, fazendo com que 70 mulheres morressem por ano por complicações de aborto inseguro, 130 mil fossem hospitalizadas e centenas processadas.

As organizações de defesa dos direitos das mulheres viram a necessidade de exigir a descriminalização total para evitar essas mortes e sequelas. Por 16 anos o Congresso se recusou a legislar, por isso recorremos novamente à Corte Constitucional, exigindo que o crime de aborto fosse eliminado do Código Penal, por ir

contra o livre desenvolvimento da personalidade, a dignidade humana da mulher e constituir regra discriminatória por razões de gênero; a maternidade forçada pode ser entendida como uma forma de tortura.

E como se deu essa conquista?

María - Para conseguir a descriminalização total o movimento se organizou e entrou com uma petição de inconstitucionalidade, que durou mais de 500 dias sem ser analisada, já que os antidi-
reitos fizeram diversas manobras de boicote, impugnando magistrados e tentando impedir a decisão. Fizemos várias manifestações e uma importante passeata no 28 de setembro do ano passado, com cerca de 6 mil mulheres.

Finalmente, em 21 de fevereiro, o plenário da Corte eliminou o crime de aborto até a 24a. semana, ou seja, na Colômbia o aborto é legal a pedido da mulher até a semana 24, e após isso segue valendo o modelo das três causas.

O que é o Movimento Causa Justa e qual seu papel nessa conquista?

María - Causa Justa é o movimento que apresentou a demanda, conformada inicialmente pela Mesa pela Vida e Saúde das Mulheres, o Centro de Direitos Reprodutivos, Women's Link Worldwide, Católicas pelo Direito de Decidir e o Grupo Médico pelo Direito de Decidir do qual faço parte.



Imagens dos protestos pela legalização do aborto na Colômbia.



Após a formação desse núcleo para a Causa Justa e sua petição, outras 94 organizações sociais e coletivas se juntaram, a maioria coletivos feministas, incluindo nosso partido, o PST. Além de apresentar a petição, Causa Justa continuou traba-

lhando em ações de mobilização e advocacia, bem como na pedagogia para alcançar a descriminalização social, ou seja, contra o estigma em relação às mulheres que abortam e aos profissionais que realizam o aborto.

O que essa decisão representa para as trabalhadoras colombianas e latino-americanas?

María - Essa vitória histórica das mulheres colombianas é também das mulheres latino-americanas e do mundo. Primeiro, porque não é um evento isolado, mas da maré verde que vai da Argentina ao México, e parte de nossa vitória devemos a esse processo de luta continental. Segundo, porque eleva a fagulha e marca um precedente ou ponto de referência para futuras lutas, pois sendo uma das legislações mais avançadas do mundo, pressionará para a descriminalização total e motivará as lutadoras e lutadores a não se contentarem com menos. Terceiro, e muito importante, porque o direito ao aborto na Colômbia

bia, sendo um direito fundamental, se aplica a qualquer mulher que esteja na Colômbia, o que significa que as imigrantes podem acessá-lo mesmo sem documentos (na Colômbia temos mais de um milhão de imigrantes venezuelanos, por exemplo); mas eventualmente uma mulher do Brasil, Equador, Peru etc. poderá viajar para a Colômbia para fazer um aborto, o que pode ser um pouco mais viável.

A que você atribui essa importante vitória na Colômbia?

María - Sem dúvida à luta, ou seja, além da certeza dos argumentos da petição, a mobilização foi decisiva, não apenas as ações específicas ao aborto. O processo de lutas que a Colômbia vive desde 2019, com dois momentos semi-insurrecionais de revolta popular, com semiparalisação da economia, bloqueios, barricadas e confrontos entre a juventude e a polícia. A vanguarda desse processo têm sido as mulheres e os jovens. E é acompanhado por um importante avanço na consci-

ência democrática e por uma rejeição majoritária da opressão sexista e racista. Então essa é a razão fundamental, é uma vitória desse processo ainda vivo.

Qual o papel do PST nesse processo?

María - O PST aderiu formalmente à demanda da Causa Justa e estivemos presentes em várias atividades, fizemos um programa especial de vídeo tratando dos principais mitos e tabus sobre o aborto. Nossa organização e nossa corrente sempre foram a favor do aborto legal, lembremos que Lênin e os bolcheviques o legalizaram na Rússia em 1920, sendo o primeiro país do mundo. Aderir à Causa Justa era o mínimo que podíamos fazer.

Você, como médica e militante, tem uma longa trajetória de ativismo na luta pela legalização do aborto. Como se sente diante dessa conquista?

María - Realmente, além de militante socialista, sou ginecologista-obstetra e integrante do Grupo Médico pelo Direito de Decidir. Fomos demandantes e além dos direitos das mulheres, defendemos que



o crime de aborto também viola o direito de exercermos livremente nossa profissão, por isso fomos alvo de perseguição policial, estigmatização etc..

Como mulher, médica e socialista, estou feliz por essa grande vitória que dignifica a vida das mulheres e meninas colombianas, principalmente as da classe trabalhadora. Estamos felizes porque evitará milhares de hospitalizações desnecessárias e salvará vidas, pois Lorena Gelis (que fez um aborto clandestino em Barranquilla) morreu de hemorragia em janeiro. Poucas semanas antes dessa decisão, que poderia ter lhe salvado.

Era hora de remover essa criminalização, que só serviu para punir desproporcionalmente as mulheres pobres, menos escolarizadas, rurais, jovens, indígenas e negras, e que nunca serviu para impedir abortos ou salvar fetos.

Quais os desafios do movimento a partir de agora?

María - Primeiro, os setores anti-direitos (erroneamente chamados pró-vida) e rea-

cionários da burguesia farão todo o possível para impedir o cumprimento da regra e gerar estigma sobre as mulheres que abortam e os médicos que realizam abortos.

Também devemos dizer que, sendo um passo muito importante, não é uma vitória completa, pois o aborto continuará sendo crime além de 24 semanas, exceto nos casos que já citei. A prestação do serviço dependerá do sistema de saúde nas mãos hoje das EPS criminosas [empresas semiprivadas que lucram e administram a saúde na Colômbia]. Teremos que estar vigilantes ainda porque uma onda de objeções de consciência virá, muitas delas ilegais, podendo ameaçar seriamente o acesso das mulheres ao aborto. É por isso que estamos chamando para celebrar, mas também para defender a vitória nas ruas.

Que lições as trabalhadoras brasileiras podem tirar do processo colombiano?

A lição mais importante é que a luta serve, luta organizada, unidade de ação com outras organizações que perse-

guem o mesmo propósito servem e são poderosas.

Outra é que não há lei ou norma eterna ou imutável, o aborto pode ser descriminalizado em todos os lugares, assim como pode retroceder também. Enquanto durar esse sistema capitalista de opressão e exploração, essas conquistas estarão ameaçadas, como estão agora nos Estados Unidos.

Outra coisa é que juntamente com a mobilização e as ações legais, trabalhe-se na pedagogia, na educação dos(as) trabalhadores(as), ajudando a entender as mentiras da burguesia reacionária, desmistificar o aborto e explicar porque é um problema de classe (as ricas não vão para a cadeia nem morrem por fazer aborto em nenhum país do mundo), a proibição só criminaliza e mata as pobres, as trabalhadoras, as camponesas e as meninas. Uma mudança importante começou a acontecer aqui, embora ainda tenhamos um longo caminho a percorrer.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TU7Q2R](https://bit.ly/3TU7Q2R)



María Paula Martínez nos protestos a favor da legalização

PARTICIPE

Vem aí o 8 de março

Em várias cidades estão marcadas manifestações. Estaremos nas ruas lutando contra a violência e a fome, por emprego, direitos e respeito! E fortalecendo o bloco classista nos atos, pois infelizmente alguns setores (PT, PCdoB e maioria do PSOL) querem transformar o 8 de março num palanque para a frente ampla de Lula e Alckmin.

Venha conosco, participe da nossa coluna e ajude a construir o Polo Socialista e Revolucionário nos atos. Chega de machismo e capitalismo.

ELEIÇÃO

Vera é pré-candidata à Presidência

Dia 19 de março PSTU lança pré-candidatura de Vera como proposta ao Polo Socialista Revolucionário



DA REDAÇÃO

Nessas eleições, os trabalhadores, o povo pobre, a juventude e os setores oprimidos, os negros, as mulheres, indígenas e LGBTs terão uma alternativa revolucionária e socialista. Vera, mulher negra, operária e socialista, é pré-candidata à presidência pelo PSTU. No próximo dia 19, seu nome será proposto ao Polo Socialista Revolucionário, um conjunto de correntes políticas que se reuniram a fim de discutir e fortalecer um projeto socialista para o país, o qual já se definiu em defesa de uma candidatura.

O PSTU, que impulsiona e atua no Polo, considera que uma das principais tarefas colocadas pelos revolucionários neste momento é justamente avançar num projeto socialista e disputá-lo entre a classe trabalhadora, e assim ganhar o máximo possível de trabalhadores para um programa que tenha como horizonte e estratégia a derrubada do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista. Essa disputa se dá no dia a dia, nas lutas e também nas eleições, um terreno próprio da burguesia e comandado pelo poder econômico, mas é quando aparecem de forma mais nítida os projetos de cada setor à sociedade.

Projetos estes que, para as amplas massas, se reduzem à continuação do governo genocida de Bolsonaro, ou sua versão mais light e desarmada, com Sérgio Moro, e por outro lado unidade nacional com burguesia, como expresso por Lula e Alckmin, ao que tudo

indica com apoio do PSOL. Ou seja, são alternativas que, em que pese suas diferenças, se propõem a continuar governando o capitalismo, e isso significa, nesse grau de crise em que estamos, a perpetuação dos ataques, da fome e do desemprego, além da continuidade da entrega do país.

NÃO VAMOS DERROTAR BOLSONARO DE MÃOS DADAS COM A BURGUESIA

Hoje, a maioria dos trabalhadores e da juventude acha que deve votar em Lula para tirar Bolsonaro e derrotar a ultradireita. Ou seja, a enorme rejeição a Bolsonaro é a alavanca da candidatura Lula. No entanto, uma eventual vitória de Lula, com Alckmin e partidos do centrão, apoiado por banqueiros, latifundiários e grandes empresários, com um programa de continuar governando o capitalismo, não vai resolver a crise para o lado dos trabalhadores, nem ao menos reverter o retrocesso que sofremos nos últimos anos.

Isso se dá porque, pelo grau de crise e decadência do país, determinada pelo imperialismo, um governo que não rompa com os super-ricos, pelo contrário que governe com eles, vai inevitavelmente manter os planos neoliberais, ou seja, os ataques aos direitos, aos serviços públicos e a entrega do país. E é isso o que aparece como horizonte de um futuro governo Lula em unidade com a burguesia. Não só não vai resolver a crise como vai gerar ainda mais frustração, abrindo espaço para Bolsonaro e a ultradireita mais à fren-



te, como ocorreu em 2018. Então, não basta derrotar eleitoralmente Bolsonaro, é preciso enterrar de vez a ultradireita, e isso se dá com luta e avançando na organização e num projeto nosso.

Daí a importância de, nesse terreno, ainda que árido, apresentar e disputar a consciência da classe para um projeto nosso, de classe, revolucionário e socialista. Sabemos que as mudanças que queremos não virão das eleições, mas é uma obrigação dos revolucionários não deixar a classe refém das alternativas da burguesia.

É por esse motivo que apresentamos a pré-candidatura de Vera. A única forma de derrotarmos realmente Bolsonaro e a ultradireita é disputando a consciência da classe rumo a um projeto socialista.

SAIBA MAIS



Quem é Vera

Nascida na cidade de Inajá, no Sertão de Pernambuco, Vera, como tantos outros, se viu obrigada a migrar, ainda criança, para Sergipe. Vivendo na periferia da capital, começou a trabalhar aos 14 anos e, aos 19, quando se tornou operária da indústria calçadista, começou a atuar no movimento sindical. Formou-se em sociologia na Universidade Federal de Sergipe e compôs a primeira chapa à Presidência totalmente negra na história do país, ao lado de Hertz Dias, em 2018. Em 2020, foi a primeira candidata negra à Prefeitura de São Paulo.

DEBATES

Polo Socialista Revolucionário debateu programa socialista para o Brasil

Venha construir o Polo socialista revolucionário!



Enquanto o PSOL “exige” do PT algumas medidas que não tocam nas fortunas dos bilionários, muito menos na estrutura do capitalismo, e sabe que nem isso o PT vai aceitar, e mesmo assim encaminha o apoio a Lula no primeiro turno, o Polo Socialista Revolucionário promoveu um debate que discutiu a fundo um programa socialista para o país.

Realizado no último dia 22 e retransmitido pelos canais do PSTU, Esquerda Diário (MRT), Contrapoder, Socia-

lismo ou Barbárie, CST-PSOL, entre outros, o debate contou com alguns milhares de espectadores. O evento foi capitaneado por Mariúcha Fontana, da Direção Nacional do PSTU, e o economista Plínio de Arruda Sampaio Jr.

Localizando a profunda crise capitalista e o brutal retrocesso vivido nos últimos anos, que coloca de forma cada vez mais premente a disjuntiva “socialismo ou barbárie”, Mariúcha pontuou que “apresentar uma alternativa socialista é a

única forma de enfrentar efetivamente Bolsonaro, de uma maneira que nos permita, no limite de nossas forças, fazer a classe trabalhadora avançar em sua consciência e organização”.

Um programa, segundo Fontana, não pode ser ape-

nas um conjunto de propostas, mas precisa partir das necessidades mais profundas da classe, avançando na consciência e conectada a mudanças estruturais. Exigiria, por exemplo, revogar as reformas trabalhista e da Previdência, mas ir além, parar de pagar a dívida, atacar as fortunas e propriedades e várias medidas que a burguesia não vai querer, nem as instituições que estão aí. “Exigiria força social, uma revolução socialista”, afirmou.

Já Plínio de Sampaio Jr. explicou que “um programa é um antídoto contra o oportunismo e o sectarismo”. Para ele, se os trabalhadores não tiverem um programa seu, estarão com o da burguesia. “E a burguesia tem um programa: garantir a continuidade do processo violentíssimo de ataques aos serviços públicos e ao meio ambiente, e por outro lado, garan-

tir a lei e a ordem”, afirmou, ressaltando a intenção de se destruírem por completo as poucas conquistas da Constituição de 1988.

Na sua ótica, “a política da burguesia é administrar a barbárie, com mais neoliberalismo e mão dura; e como resistimos e superamos a barbárie? Com rebelião popular e organização de uma transformação socialista”. A luta de classes estaria polarizada entre revolução e contrarrevolução, sendo que “a contrarrevolução pode ter a cara feia do Bolsonaro ou a cara mais cordial do Lula, mas a tarefa histórica é a mesma, manter tudo como está”. E para mudar isso é preciso abrir um horizonte histórico, o socialismo, “colocar o socialismo na ordem do dia”.

PROPOSTA DO PSTU PARA DEBATE DE PROGRAMA DO POLO



Acabou de ser lançada a contribuição do PSTU ao debate programático no Polo Socialista Revolucionário. Você pode adquirir com qualquer militante do PSTU ou acessar a versão em PDF aqui

VEJA MAIS!



Assista o debate na íntegra

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PFAQI9](https://bit.ly/3PFAQI9)

DECLARAÇÃO DA LIT

A Ucrânia resiste a Putin



**POR LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES
QUARTA INTERNACIONAL (LIT-QI)**

Aquilo que Putin esperava que fosse pouco mais que um passeio está se complicando muito para as tropas russas, que invadiram a Ucrânia em 24 de fevereiro último. Longe de serem vistos e tratados como “libertadores”, como a propaganda de Moscou anunciava, os russos estão recebendo uma forte resistência por parte do exército e das milícias de civis ucranianos. Em meio ao sofrimento e destruição, as imagens mostram como os ucranianos organizam a defesa: recebem armas, treinam, cavam trincheiras, produzem coquetéis molotov.

Putin, irritado, decidiu redobrar o ataque contra a Ucrânia. No sábado, 26, ordenou uma ofensiva total “em todas as direções” sobre Kiev, alegando que os ucranianos se negavam a negociar. A condição para essa negociação, por parte do Kremlin, era que as forças do país que estão invadindo “deponham as armas”. Isso não é uma oferta de negociação. É exigir uma rendição incondicional.

Na noite de sábado, Kiev se preparava para o assalto definitivo dos invasores. O presidente ucraniano, Volodímir Zelenski, anunciou que o inimigo tentaria

tomar a capital e seria uma “noite difícil”. Mas Kiev não caiu. Resiste até agora, contra qualquer prognóstico. A chave para entender este fato está na enorme disposição de combate do povo ucraniano, que surpreendeu Putin, o próprio Zelensky e comove o mundo inteiro, com incontáveis exemplos de coragem, frente a um inimigo infinitamente superior. A Ucrânia enfrenta a Rússia.

Milícias de civis se organizam em Kiev e outras cidades, muitas delas com participação de mulheres

Na tarde de 1º/3, o exército russo alertou a população de várias zonas de Kiev para que abandonassem suas casas ante um bombardeio iminente. Explodiram a torre de televisão, matando ao menos cinco pessoas [2]. Foram registradas explosões em vários pontos da capital.

RÚSSIA BOMBARDEIA TORRE DE TV EM KIEV

O governo ucraniano informou no domingo cerca de 352 mortes de civis e 1.684 feridos desde o início da invasão, incluindo 14 crianças. Há cerca de um milhão de deslocados internos. Um milhão de pessoas foram forçadas a deixar o país, sobretudo



em direção à Polônia, Hungria e Romênia, fugindo dos ataques russos [3], cada vez mais poderosos e sem discriminação entre objetivos militares ou zonas civis.

UM MILHÃO DE PESSOAS FOGEM DA UCRÂNIA EM SITUAÇÃO DRAMÁTICA

Em Kharkov, a segunda cidade mais importante do país, bombardearam bairros residenciais e um míssil atingiu o prédio da administração regional.

O exército russo avança rumo a Kiev. Imagens de satélite mostram que um comboio de mais de 60 quilômetros formado por veículos militares russos se dirige à cidade de 2,8 milhões de

habitantes. O grosso das tropas terrestres russas estaria a menos de 30 quilômetros da capital [4].

Além do local e bombardeio de Kharkov e o cerco a Kiev, os russos atacam pelo sul, onde tomaram Berdiansk, no mar de Azov, e tentam tomar Mariupol, onde a resistência ucraniana é tenaz. Aparentemente, Putin planeja um cerco em pinça para envolver o Donbass, consolidando um corredor desde a península da Crimeia, que foi anexada à força em 2014, até as regiões de Donetsk e Lugansk.

POPULAÇÃO PREPARA COQUETÉIS MOLOTOV

A guerra de conquista da Rússia contra a Ucrânia despertou um enorme sentimento de solidariedade ao valente povo ucraniano, que colocou em marcha um amplo movimento antiguerra, contra as intenções de Moscou. No fim de semana ocorreram dezenas de manifestações massivas contra Putin e a favor da Ucrânia em diferentes cidades, dentro e fora da Europa. Milhares marcharam em Berlim, Madri, Roma, Milão, Amsterdam, Paris, Londres, Sidney, entre outras convocatórias. Em outras cidades, como São Paulo ou Santiago do

Chile, também houve protestos. O repúdio a Putin se fez sentir, ademais, no leste europeu, como em Tbilisi, capital da Geórgia, ou em Varsóvia, a capital polonesa. Entretanto, o som mais retumbante são os protestos em Moscou, no próprio coração do país agressor, onde cresce o descontentamento com a ditadura russa, que prendeu mais de 8 mil manifestantes contra a guerra.

MAIS DE 100 MIL PESSOAS EM BERLIM CONTRA PUTIN

Vergonhosamente, a ampla maioria da esquerda, sobretudo filoestalinista, se posiciona junto com Putin e reproduz as mentiras de sua propaganda, colaborando assim com o massacre do povo ucraniano.

É urgente organizar, em todos os países, uma campanha de solidariedade ao povo ucraniano, ampliar a condenação à invasão russa. Chamamos todos e todas as/os socialistas, democratas, defensores/as da livre autodeterminação dos povos, a somarem-se à luta pela derrota de Putin e à defesa da soberania da Ucrânia.

- Pela derrota da invasão militar russa da Ucrânia!

- Fora as garras dos Estados Unidos, da Otan e da União Europeia da Ucrânia!

- Por uma Ucrânia unificada e livre da opressão russa!

- Dissolução da Otan!

- Dissolução da aliança militar CSTO (Organização do Tratado de Segurança Coletiva) do Estado russo com as ex-repúblicas soviéticas, usada para o envio de tropas para esmagar levantes populares e sustentar oligarcas submissos, como no Cazaquistão!



FORA INVASOR

Pela derrota da invasão militar russa à Ucrânia!

DA REDAÇÃO

O tempo corre contra Putin. Em seus planos militares, o carniceiro não contava com a heroica e tenaz resistência ucraniana. Um país inteiro se mobiliza para se defender dos ataques. Homens, mulheres e até mesmos babushkas empunham os fuzis que têm a disposição, levantam barricadas nas cidades e nas estradas ou simplesmente tentam impedir com seus corpos a passagem dos tanques russos. Assim como foi nas barricadas da Praça Maidan, em 2014, aqueles que têm maior experiência militar treinam os que não têm. Cada vídeo, cada foto e ato da resistência ucraniana que enfrenta a segunda maior potência militar do planeta, se viraliza na internet, emociona e comove a todos.

A determinação da resistência pode estar gerando crise nas fileiras russas. Informações dão conta de que muitos soldados russos simplesmente não sabiam que invadiriam a Ucrânia. Fo-

ram enganados e pensavam que fariam exercícios militares. Ao invadir, muitos ficaram assombrados com a tenacidade da resistência ucraniana, não só em Kiev. A resistência ao cerco em Mariupol, com quase 500 mil habitantes, e em Kharkov, segunda maior cidade do país, são um esforço defensivo impressionante.

Há relatos de que houve rendições de soldados russos e paralisação de seu avanço em algumas regiões. Sinais de que pode haver desmoralização das tropas, enquanto os ucranianos pedem que as mães russas “peguem seus filhos e os levem para casa”.

Mas a vitória da Ucrânia não é possível sem armas de ataque. As imagens mostram que o povo ucraniano está lutando com o que tem à disposição, inclusive com coquetéis molotov. Mas isso não basta para enfrentar as enormes colunas de tanques que ameaçam Kiev e outras cidades. É preciso exigir armas para o povo ucraniano resistir à ofensiva russa, inclusive dos governos que dizem estar con-

tra a invasão, sem que isso signifique qualquer apoio à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) ou um apoio a uma ofensiva da organização sobre a Ucrânia, cujo objetivo é converter o país em uma semicolônia militar.

Surpreso e acuado pela heroica resistência ucraniana, Putin deverá intensificar seus ataques, mais sanguinários, mais destruidores, podendo chegar ao “nível Síria”, o que significa atingir um patamar de destruição e mortandades não vistos na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. A Rússia é acusada de usar bombas termobáricas – que causam uma explosão capaz de vaporizar qualquer pessoa atingida instantaneamente. As mesmas armas que utilizou na Síria, juntamente com seu aliado, o ditador sanguinário Bashar el-Assad, para conter a poderosa revolução no país árabe iniciada em 2011. Na Síria, com a ajuda fundamental da Rússia, já são mais de 500 mil mortos e metade da população de 22 milhões

refugiada, inclusive palestinos que lá viviam, expulsos antes na limpeza étnica sionista para a colonização de suas terras e obrigados a buscar novo refúgio. Mas a intensificação desses ataques por Putin agora também pode aumentar ainda mais a desmoralização das tropas russas e intensificar a oposição interna à guerra.

A CORAJOSA OPOSIÇÃO À GUERRA NA RÚSSIA

Na Rússia, os protestos contra a guerra não cessam. Milhares foram às ruas das principais cidades do país, como Moscou e São Petersburgo. As manifestações são uma enorme demonstração de coragem e enfrentam uma brutal repressão. Em oito dias de guerra, mais de 8 mil russos foram presos por protestar contra a invasão na Ucrânia. A imagem de Elena Osipova, de 77 anos, sobrevivente do cerco nazista a Leningrado, na Segunda Guerra, sendo presa pela polícia em uma manifestação pedindo o fim da invasão rus-

sa, é um símbolo da covardia do regime russo.

Putin censurou a imprensa, proibiu que se noticiasse o termo “guerra” e mente para a população, dizendo que as tropas apenas ocuparam as províncias separatistas do Donbass – Donetsk e Lugansk – para impedir um suposto “genocídio ucraniano” contra os russos. Mas a manobra não tem dado certo, e os protestos se mantêm.

A população russa ainda está dividida sobre a guerra, mas a intensificação da brutalidade da invasão, somada aos efeitos da crise econômica que serão aprofundados por embargos e pelo aumento de gastos com a guerra, podem levar a uma virada, inclusive dividindo as Forças Armadas e a burguesia oligarca russa. Pela primeira vez desde que chegou ao poder, Putin pode perder o apoio da maioria da população e enfrentar uma enorme crise em sua base de apoio.

Mesmo que a Rússia tenha uma vitória militar nessa ofensiva atual, a resistência do povo ucraniano, combinada aos efeitos da crise econômica mundial, pode abrir um novo período de crise em toda a região, que pode atingir não só a Rússia, mas também a Belarus, o Cazaquistão e as outras ex-repúblicas soviéticas submetidas à política de opressão nacional de Putin. Estamos perante um processo que recém se inicia e pode se estender por muito tempo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3TXEOYD](https://bit.ly/3TXEOYD)



Protesto em São Petersburgo, Rússia, contra a guerra.

CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE

Participar das mobilizações e organizar a campanha de solidariedade em defesa da Ucrânia

Ao mesmo tempo, em todo o mundo, começam a ocorrer grandes manifestações contra a guerra, reunindo milhares de pessoas. Em Berlim mais de 100 mil foram às ruas no dia 6. Milhares foram às ruas na capital Geórgia, Tbilisi, agitando bandeiras ucranianas e georgianas e cantando os hinos de ambos os países. Em Roma, na Itália, uma marcha à luz de tochas de milhares de participantes desfi-

lou na noite de sexta-feira para o Coliseu. Argentina, Bélgica, Tóquio (Japão), Curitiba, Nova York e Washington também foram palco de manifestações.

É urgente organizar, em todos os países, uma campanha de solidariedade ao povo ucraniano, ampliar as manifestações de condenação à invasão russa. Ativistas socialistas, democratas, defensores da livre autodeterminação dos povos, devem

se somar à luta pela derrota de Putin e à defesa da soberania da Ucrânia.

É preciso que os sindicatos estimulem ações de boicote ao comércio com a Rússia e busquem também contatos com sindicatos ucranianos em luta. A mesma coisa precisa ser feita com os movimentos de juventude e de luta contra as opressões, sempre buscando contatar a resistência ucraniana.



Protesto em Berlim

COPIANDO O STALINISMO

As mentiras de Putin para invadir a Ucrânia



DA REDAÇÃO

Como um bom ex-espião stalinista, Putin lançou calúnias e mentiras para tentar justificar a invasão à Ucrânia. Afinal não é fácil explicar ao povo russo uma guerra contra os seus irmãos ucranianos. Grande parte dos russos tem parentes, colegas e amigos ucranianos. E é muito difícil convencer

alguém que a Ucrânia represente uma ameaça à segurança russa ou de qualquer outra nação. Por isso Putin realiza toda a campanha stalinista de mentiras dizendo que a Ucrânia é um país ou governo nazista, que não havia outra opção a não ser a invasão, pois a Ucrânia e a Otan invadiriam a Rússia etc.

Tais calúnias são repetidas, disfarçadas ou não, por uma parte da esquerda ligada ao sta-

linismo, como a maioria dos partidos comunistas e setores ligados às ditaduras da Venezuela e de Cuba. A maioria defende que Putin tem uma política supostamente anti-imperialista de enfrentamento com os EUA e a Otan e quer transformar a Rússia em um país soberano. Mas tudo isso não passa de mentiras e ilusões para confundir parte dos ativistas de esquerda sobre o real caráter da guerra.



Putin não é anti-imperialista



Putin tem sonhos de Rússia poderosa e opressora como nos tempos do Czar, mas o país não passa de uma semicolônia do capital internacional.

Putim não é um lutador incansável contra o imperialismo. Ao contrário, com Putin, aprofundou-se a colonização do país. A Rússia hoje é mais dependente da exportação de produtos primários, como gás e petróleo, e de capitais e tecnologias estrangeiras, do que era há 20 anos. Neste período se privatizou, fecharam-se indústrias, houve massiva entrada de capitais externos na economia local, primarizou-se a economia, houve uma queda brutal nos investimentos em ciência, tecnologia e educação. E o país e suas empresas se endividaram junto ao capital internacional num nível inédito. As grandes empresas russas, como a Gazprom, Rosneft, Sberbank, têm todas dívidas junto a credores internacionais equivalentes aos valores de seus ativos. Na prática, os credores

ocidentais são os verdadeiros donos dessas empresas. As multinacionais estão todas presentes na Rússia, ocupando os espaços no mercado interno que anteriormente eram ocupados por empresas nacionais.

A crise econômica atingiu em cheio a Rússia, com a redução de investimentos e, em especial, com a queda nos preços do petróleo. O orçamento do país passou a ser deficitário, reduziu-se a capacidade de investimento, o que obrigou o governo a uma reforma da Previdência muito impopular e a cortes nos serviços sociais, o que aumentou a insatisfação social.

A indústria de transformação perde peso dentro do país, e os únicos setores que crescem são aqueles controlados por multinacionais estrangeiras. A única exceção a essa decadência geral da indústria é o chamado complexo industrial-militar, por ser um setor estratégico para o regime, com grandes investimentos estatais.

Por outro lado, A Rússia ocupa um papel político na arena mundial desproporcionalmente superior à sua real importância econômica, graças a duas heranças da antiga URSS: um arsenal nuclear e o grande poderio das Forças Armadas, e influência em toda a região da ex-URSS. Estes dois elementos são um trunfo nas mãos da burguesia russa e, ao mesmo tempo, um ponto de tensão permanente com o imperialismo mundial, em especial com seu braço armado, a Otan.

Putin utiliza o velho nacionalismo grão-russo para submeter e explorar os países da ex-URSS. Por isso esmaga qualquer revolta popular contra as ditaduras aliadas do Kremlin, como fez na Belarus e, mais recentemente, no Cazaquistão. A ideologia chauvinista russa segue cumprindo seu papel, ao impedir que essa insatisfação se dirija contra Putin e seu regime, mas as contradições se acumulam.

A Rússia, apesar de sua política agressiva em relação aos processos de lutas nos países limítrofes, não é um novo país imperialista, nem caminha para se tornar um. E muito menos possui algo de “soviético” ou “socialista”, uma vez que a restauração do capitalismo ocorreu nos anos 1980 sob direção do partido comunista.

A Rússia não apenas segue sendo um país capitalista dependente, como se aprofunda sua dependência, e a invasão da Ucrânia está enraizada na debilidade do capitalismo russo em relação aos grandes imperialismos consolidados, o qual depende, em grande parte, de seu papel como fornecedor de energia. Mas é, ao mesmo tempo, uma superpotência militar herdada da URSS. Suas aspirações repousam, em primeiro lugar, na subjugação das ex-repúblicas soviéticas que pertenciam à URSS.

A Ucrânia não é nazista

Putin e os stalinistas defendem a Rússia, com a narrativa da “desnazi-

ficação” da Ucrânia. Trata-se de uma mentira vergonhosa contra um país que, na luta contra o nazismo, perdeu entre 6 e 8 milhões de cidadãos.

Realmente existem grupos fascistas na Ucrânia, como o batalhão Azov. Da mesma forma existem muitos grupos fascistas apoiando a ocupação militar russa em Donetsk e Lugansk. Existem grupos nazifascistas dos dois lados. Os grupos nazifascistas da Ucrânia, no entanto, não têm nenhuma expressão de massa, obtiveram 1.5% dos votos nas últimas eleições e sequer têm algum representante no parlamento do país ou no governo.

Por outro lado, Putin é o queridinho da extrema direita europeia. Da Frente Nacional francesa, de Marine Le Pen, passando por Matteo Salvini, o líder da Liga (partido de extrema direita italiana), indo até o Vox da Espanha (liderado



Matteo Salvini, líder da extrema direita italiana, veste a camisa do seu ídolo

por Santiago Abascal), todos nutrem admiração por Putin e muitos são até mesmo financiados pela Rússia.

Não por acaso Trump e Orban (presidente húngaro de ultradireita) apoiaram Putin no início, só mudando de posição frente ao gigantesco repúdio

das massas contra a invasão russa. Não por acaso, Bolsonaro foi à Rússia às vésperas da invasão, prestou “solidariedade” a Putin e se nega a condenar a invasão da Ucrânia. Bolsonaro deseja também usar a estrutura de hackers da Rússia para interferir nas eleições brasileiras. Por fim, um dos

maiores admiradores de Putin é Steve Bannon, o marqueteiro de Trump que sonha em organizar uma Internacional da extrema direita. Nela, haverá espaço para Putin.

Não se trata de uma luta contra o nazismo. Trata-se da invasão de um país oprimido, com apoio de grupos pa-

ramilitares no leste da Ucrânia, e de uma parte da ultradireita internacional, além dos stalinistas. Ao contrário do que afirma o stalinismo, a luta ucraniana neste momento expressa a vontade de um povo oprimido contra uma invasão brutal da Rússia, por sua soberania e integridade territorial.

Fora as garras da Otan da Ucrânia!

Putin e os stalinistas justificam a invasão à Ucrânia, dizendo que não havia outra solução contra a ameaça da expansão da Otan. Obviamente, é preciso se colocar contra a Otan e defender sua dissolução. A Otan serve aos interesses do imperialismo norte-americano e foi usada em invasões criminosas como no Afeganistão – apoiada pela Rússia de Putin, diga-se de passagem.

As ações dos EUA, da UE e da Otan

nada têm a ver com a defesa da soberania ucraniana. Aliás, os imperialismos americano e europeu se calaram frente à repressão russa ao levante do povo do Cazaquistão contra a ditadura no país. Os EUA-Otan e a Rússia de Putin são duas facções contrarrevolucionárias que estão usando o conflito ucraniano para defender suas posições, fortalecer o militarismo na Europa e no mundo e alimentar uma corrida armamentista.

Mas é Putin com sua política de agressão que fortalece a Otan. Basta ver que, após a invasão, a Alema-

nha conseguiu se soltar das amarras que a impediam de tomar parte em conflitos militares desde a Segunda Guerra e já anunciou que está triplicando seu orçamento militar. A Áustria segue pelo mesmo caminho. A Otan, que passava por uma crise há alguns anos (Trump até ameaçou retirar os EUA da organização), com dificuldade de justificar sua própria existência, se reafirma agora como “uma aliança para a defesa”. Diante das ameaças de Putin, países que nunca haviam aderido à Otan, considerados historicamente “neutros”,

agora discutem abertamente a questão, como a Finlândia e a Suécia.



LENIN X STALIN

A defesa da autodeterminação dos povos

O nacionalismo grão-russo é evocado por Putin para justificar a agressão. Em um pronunciamento, o russo criticou abertamente a política bolchevique em defesa da autodeterminação dos povos. Para ele, a Ucrânia é um mito, criada artificialmente pelos bolcheviques de Lênin. “Esse processo começou imediatamente após a Revolução de 1917, e, ademais, Lênin e seus associados o fizeram da maneira mais desordenada em relação à Rússia: dividindo, arrancando da Rússia pedaços de seu próprio território histórico”, disse na TV.

De fato, a Ucrânia só conseguiu sua independência depois da revolução bolchevique de 1917. Após a revolução russa houve uma guerra civil

na Ucrânia que levou os comunistas do país ao poder e, depois, a sua adesão à União das Repúblicas Soviéticas.

Mas Lênin sempre defendeu o direito à autodeterminação dos povos, inclusive em

polêmica com outros marxistas da época, tal como Rosa Luxemburgo e Bukarin. Para ele, as antigas nacionalidades oprimidas pelo antigo Império Russo (como os ucranianos) deveriam ser livres para op-

tar pela sua adesão à URSS ou não. A Finlândia que era parte do Império Russo, por exemplo, optou pela não adesão e sua decisão foi respeitada por Lênin. Enquanto muitos outros países, como a Ucrânia, aderiram à união das nações soviéticas, preservando sua autonomia e independência.

Trotsky explica como a posição de Lênin em defesa da autodeterminação nacional se combina com as tarefas da revolução socialista: “O direito à autodeterminação nacional é, sem dúvida, um princípio democrático, não um princípio socialista. Porém, na nossa era, quem apoia e aplica os princípios genuinamente democráticos é o proletariado revolucionário; por esta razão as tarefas democráticas se entrelaçam com as socialistas. A luta resoluta do Partido Bolchevique pelo direito à autodeterminação das nacionalidades oprimidas pela Rússia facilitou muito a conquista do poder pelo proletariado. Foi como se a revolução proletária tivesse

absorvido os problemas democráticos, sobretudo o agrário e o nacional, dando à Revolução Russa um caráter combinado.”

Essa posição mudou radicalmente depois que Stalin chegou ao poder. Contra a política de Lênin de defender o direito à autodeterminação das nacionalidades oprimidas, Stalin impôs uma ditadura que transformou a URSS em uma prisão de povos, restabelecendo a velha dominação russa sobre as outras nacionalidades. A Ucrânia, segundo Trotsky, foi quem sofreu as piores consequências dos expurgos stalinistas. Hoje tudo isso é copiado e reivindicado por Putin. Se o stalinismo está com Putin, Lênin está contra todos eles.

Trotsky, cuja origem é ucraniana, foi um defensor ao lado de Lenin da autodeterminação dos povos. Política que foi esmagada por Stalin.



LEIA O ESPECIAL GUERRA NA UCRÂNIA



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KDDN5K](https://bit.ly/3KDDN5K)

LEIA TAMBÉM



Trotsky:
A independência da Ucrânia e a confusão sectária

SOCIALISMO X CAPITALISMO

Keynesianismo: a ciência impossível do capitalismo

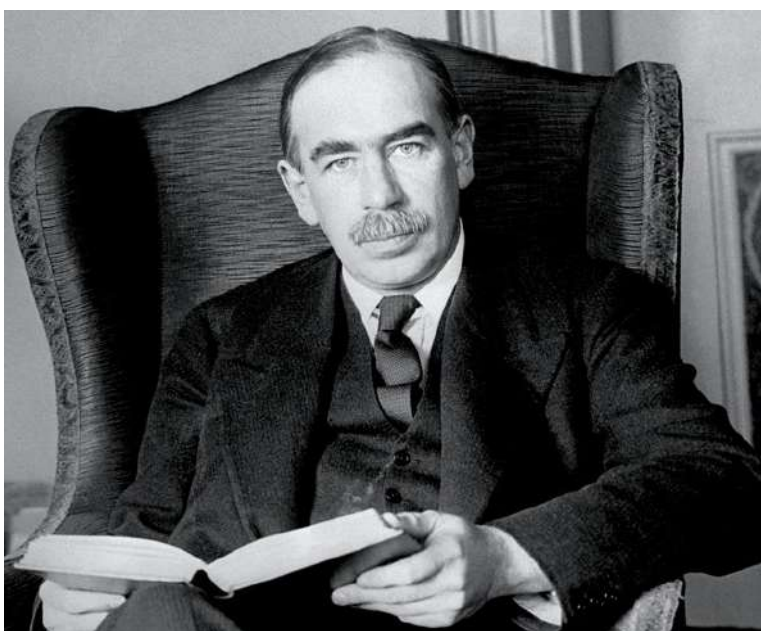
Neste artigo o autor procura analisar a escola keynesiana de economia. Afinal, pode o capitalismo resolver suas crises com a intervenção do Estado?



**GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)**

Nem toda corrente de pensamento burguesa será adepta da religião liberal. Vimos, no artigo anterior, que a maior parte dos liberais considera o dinheiro como uma mera convenção e facilitador das trocas. A circulação da riqueza capitalista nada mais seria do que a troca de mercadorias de igual valor, umas pelas outras. Desse modo, jamais teríamos uma superprodução. O total de mercadorias produzidas seria sempre igual ao total de mercadorias consumidas, a oferta seria igual à demanda. Qualquer desajuste seria rapidamente resolvido pela concorrência: pela mão invisível do mercado. A ilusão liberal floresceu durante o fim do século 19 e nas primeiras décadas do século 20.

Nesse período, a indústria explorada de forma capitalista teve um desenvolvi-



John Maynard Keynes era da elite aristocrático-burguesa da Inglaterra. Seu pensamento visava salvar o capitalismo e as classes dominantes. “Eu posso ser influenciado pelo que me parece ser justiça e bom senso; mas a guerra de classes me encontrará do lado da burguesia culta”, disse.

mento colossal. Países como Alemanha e Estados Unidos tornaram-se potências industriais. Os países dominados tornaram-se, cada vez mais, produtores de matéria-prima para a indústria europeia e consumidores de seus produ-

tos manufaturados. Até 1929 o capitalismo europeu conheceu um processo de relativa prosperidade. As crises existiam, mas não foram tão gerais e fulminantes como outras verificadas no período anterior.

Foi nesse período que, por um lado, ocorreu grande difusão das obras dos economistas neoclássicos e marginalistas, apologistas extremos do liberalismo. O mercado parecia inabalável. Por outro lado, dentro do movimento dos trabalhadores, desenvolveu-se uma ampla tendência reformista. É possível ajustar o capitalismo, diziam. Corrigindo esse ou aquele problema ou descompasso, o capitalismo pode ser justo e igualitário. Na própria Social-Democracia Alemã, fundada sob orientação de Marx, emerge o grupo reformista liderado por Bernstein. Outras organizações reformistas são criadas, como a Sociedade Fabiana na Inglaterra. É a época marcada por uma visão otimista sobre o capitalismo e seu futuro. É a época das teorias do progresso contínuo, ininterrupto e sem fim. Toda essa euforia, otimismo e fervor chegaria rapidamente ao fim.

No início do século 20 temos a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Na base da aparente prosperidade europeia encontrava-se a colonização e o domínio político e econômico de todo o mundo pelas potências capitalistas do passado e as emergentes. O conflito entre elas dá origem a uma guerra com milhões de mortos. Mas não somente. Na sequência, temos a grande crise econômica de 1929. O dogma da mão invisível do mercado desaba. O desemprego é generalizado. Empresas, antes vistas como indestrutíveis, decretam falência. A inflação atinge índices tão elevados que uma anedota diz que os alemães prefeririam queimar o dinheiro que usá-lo para comprar lenha, tamanha a quantidade (física) necessária. O grande capital necessitava, agora, de outro ninho para chocar seus ovos. Ganham notoriedade as elaborações do economista inglês John Maynard Keynes.

KEYNESIANISMO

O braço (visível) do Estado

Keynes foi menos original do que parece. No século anterior, vários economistas perceberam a tendência do capitalismo de elevar sem parar a produção de mercadorias, mas não necessariamente a capacidade do conjunto da população de consumi-la. Curiosamente, essa era uma abordagem assumida, principalmente, pelos conservadores, cujo principal expoente foi Thomas Malthus.

Malthus colocou-se como defensor dos interesses dos aristocratas. Segundo ele, o

capitalismo, de fato, possui uma superprodução crônica oriunda do fato de que os trabalhadores podem comprar apenas uma porção das mercadorias produzidas por seu trabalho. Um exemplo é o desenvolvimento tecnológico que simplifica o trabalho existente e reduz relativamente os trabalhadores empregados. Temos, assim, mais mercadorias e menos trabalhadores com salários mais reduzidos para comprá-las. A capacidade de consumo da sociedade era sempre inferior a sua capacidade

de produção, dizia Malthus. Para corrigir esse desajuste, seria necessário agregar uma demanda extra à sociedade: uma demanda agregada.

Daí Malthus conclui pela necessidade da existência de classes improdutivas: os aristocratas. Aristocratas que vivem apenas da renda oriunda da propriedade de suas terras, que alugam aos capitalistas. Eles fariam um enorme favor para a sociedade: consumiriam toda produção excedente sem entregar nada em troca. Os coitadinhos iriam se sacrificar



exercendo a nobre e solene função de parasitas sociais. Eles consumiriam o excedente que capitalistas e trabalhadores não seriam capazes de

consumir, excedente que seria o responsável pelas crises de superprodução.

Keynes apenas recicla Malthus. Quem salvará a pá-



Guido Mantega foi ministro da economia dos governos Lula e Dilma. Um dos maiores defensores do keynesianismo no país.

te daquela dos liberais. Ele destaca o fato de o dinheiro atuar como meio de conservação do valor. Quando há insegurança e crise, a tendência das pessoas e empresas é poupar a maior parte do dinheiro como uma espécie de porto seguro diante das incertezas futuras. Ao fazê-lo, temos menos investimentos das empresas e, assim, desemprego. Na medida em que uma fatia cada vez maior da renda é destinada à poupança, e não à aquisição imediata de mercadorias, temos superprodução. E uma sucessão de efeitos em cascata: a crise leva todos a pouparem. A poupança, ao não ser usada no consumo do que foi produzido, eleva a crise.

É assim que o Estado deveria se integrar à dinâmica interna do capitalismo, sendo um agente tanto de produção como de consumo. O Estado, por um lado, gastaria e consumiria todo excedente gerado pela superprodução capitalista e, por outro, investiria quando os capitalistas tendessem a poupar seu capital no lugar de reinvesti-lo produtivamente. Daí um termo que keynesianos como Guido Mantega, entre outros, adoram: contra as crises cíclicas do capital, medidas estatais anticíclicas. Daí a palavra de ordem de Dilma quando estourou a crise no Brasil: não poupem, gastem. A ação estatal seria regida por uma nova ciência desti-

nada exclusivamente a esse fim: a macroeconomia.

Keynes é o pai da macroeconomia. Com ele, a economia deixa de pensar unicamente na administração das unidades produtivas isoladas, deixando ao “Deus impessoal mercado” atuar sozinho na distribuição da riqueza produzida. Com Keynes, de maneira sistemática, a ciência econômica deve dar uma mãozinha à mão invisível. O Estado deve ser integrado e converter-se em agente interno da economia capitalista, corrigindo os defeitos da ordem natural que o “Deus mercado” conferiu ao mundo quando da sua criação. Seria essa ciência possível?

tria, agora, não seriam aristocratas parasitas que apenas consomem sem nada vender, mas o Estado. Vejamos.

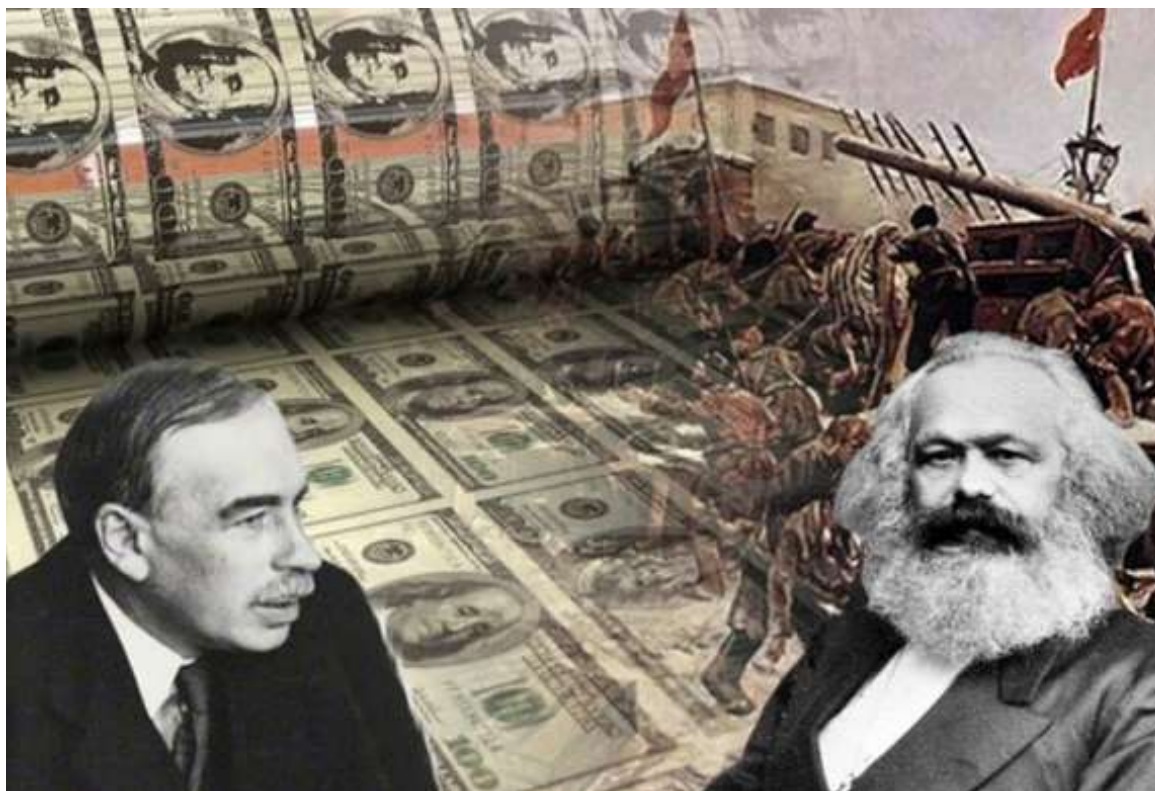
Para fundar uma teoria da intervenção estatal, Keynes necessita recorrer a outra teoria do dinheiro. Diferen-

DE SAÍDA A OBSTÁCULO

A barca furada do keynesianismo

Como sempre, a economia burguesa substitui um unilateralismo por outro. No fundo, Keynes está chamando atenção corretamente para o fato de que na troca de mercadoria por dinheiro e dinheiro por mercadoria, o dinheiro não pode ser retirado fora da equação. Não é mero facilitador das trocas. Enquanto reserva de valor, a operação pode se paralisar no dinheiro por longo tempo, evitando assim que novas mercadorias sejam compradas. No entanto, que condições sociais são essas que fazem com que a situação seja ora mais segura e ora insegura? Que ora as empresas queiram investir e as famílias, gastar sua renda em mercadorias e ora ambos prefiram manter seus recursos na forma de dinheiro sem investir ou comprar?

O problema do keynesianismo é querer agregar uma razão e uma ciência de Estado a um mercado que não é regido por nenhuma razão e por nenhuma ciência. Todas as medidas estatais, responsáveis por salvar o capitalismo em um primeiro momento, no momento seguinte são sua cova. Quando há superprodução, os gastos estatais são bem-vindos. Quando ela deixa de existir, esses gastos se convertem em um estorvo. Afinal, o Estado arrecada valor por meio de impostos que fazem baixar



a taxa de lucro dos capitalistas, direta ou indiretamente. Diretamente quando o imposto incide diretamente sobre o lucro. Indiretamente quando incide sobre o produto, elevando seu custo.

Da mesma forma, nos momentos de crise, os capitalistas colocam cada vez mais o seu capital na mão do Estado, comprando títulos da dívida pública. O Estado gasta todos esses recursos procurando reduzir o abismo que separa a capacidade de produção e de consumo da sociedade no seu conjunto. Nesse momen-

to, os capitalistas se tornam, em sua maior parte, keynesianos. No momento seguinte, no entanto, o Estado deverá devolver todo esse capital com juros e correção monetária. Perde, assim, sua capacidade de investir produtivamente seus recursos, bem como de gastá-los comprando mercadorias da produção privada. Uma fatia cada vez maior dos recursos estatais afliu de volta ao bolso dos capitalistas. O Estado deve gastar o menos possível, e a maior parte dos capitalistas se volta ao liberalismo.

A macroeconomia keynesiana não passa de um cachorro que corre eternamente atrás de seu próprio rabo. Keynesianos e afins querem controlar, centralmente por meio da demanda e da renda dos consumidores, um sistema que se estrutura tendo como norte a produção pela produção, a produção como meio de ampliá-la ainda mais, independentemente do consumo e da satisfação das necessidades humanas. Um casamento cujo divórcio é certo. Tal saída pode ser útil ao capital nos momentos

de aguda crise econômica. Ao se atingir um “equilíbrio” após a crise, esta saída se converte em obstáculo.

Para os trabalhadores, significa uma estratégia a mais para mantê-los no mesmo sistema que os submete e os faz mergulhar em um oceano de insegurança. Um sistema que suga, dia após dia, suas energias vitais em prol de um processo infinito de autovalorização que se desenvolve às suas custas e alheio aos seus interesses, preferências e necessidades.

Quando Marx escreveu O Capital, colocou como subtítulo: crítica da economia política. Este subtítulo quer dizer que a ciência que Marx elaborou não foi uma ciência econômica marxista. Não existe ciência do capitalismo. Ele próprio é irracional, incontrolável e insubmisso a qualquer planejamento e ciência. A única ciência que comporta é aquela da sua crítica, da sua superação.

Nesse sentido, veremos, no próximo artigo, mais uma tentativa de administrar o capitalismo fadada ao fracasso: aquela do fazer dinheiro elevando o endividamento público, atualmente conhecida como Teoria Monetária Moderna, ou MMT.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KFTJNZ](https://bit.ly/3KFTJNZ)

EDUCAÇÃO

Professores enfrentam prefeitos e governadores pelo pagamento do piso nacional

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

De norte a sul do país, professoras e professores estão em mobilização cobrando que prefeitos e governadores cumpram a Lei do Piso Nacional do Magistério. Este ano, após muita pressão da categoria, o Ministério da Educação anunciou o reajuste de 33,24%. Bolsonaro e Milton Ribeiro, ministro da Educação, falavam em reajuste zero, mas foram obrigados a recuar.

“Este reajuste não foi uma concessão do governo Bolsonaro. Todo ano deve ter um reajuste conforme a variação do custo-aluno, que é uma fórmula de

cálculo fixa, garantida na lei. Bolsonaro queria dar um golpe, mudando esse cálculo. Mas não conseguiu”, destaca Vanessa Portugal, coordenadora do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte (Sind Rede-BH) e militante do PSTU.

Com o novo reajuste, o piso passou de R\$ 2.886,00 para R\$ 3.845,00, já a partir de fevereiro. Contudo, prefeitos e governadores criam manobras para não cumprir a lei. “Ao invés de reajustarem o salário para todos, os governos têm feito a manobra de ajustar apenas o salário de quem recebe abaixo do piso. A prática serviria para reduzir custos, nivelando por



baixo e deixando os demais salários e aposentadorias congelados”, denuncia Flavia Bischain, militante do PSTU, professora da rede pública de São Paulo e integrante da Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

“A luta pelo cumprimento da Lei do Piso Nacional do Magistério é justa e necessária. Só a luta unificada das trabalhadoras e trabalhadores da educação é capaz de garantir o pagamento do piso do magis-

tério e a valorização de todos os demais funcionários das escolas, inclusive aposentados”, defende ela.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KII4ZQ](https://bit.ly/3KII4ZQ)

LUTA



7 de fevereiro. O prefeito José Pessoa (MDB) diz que não vai pagar o piso. No último dia 22, os vereadores da base aliada aprovaram um reajuste de 16% e um complemento de R\$ 250,00 no vale-alimentação.

O governador do Piauí, Wellington Dias (PT), também não cumpre a lei e está sem repassar o reajuste de 33,24% no piso do magistério. Os professores da rede estadual entraram em greve no último dia 23.

No Ceará professores da cidade de Maracanaú estão em greve desde o dia 16 de fevereiro. O prefeito Roberto Pessoa (PSDB) cortou os dias paralisados. No dia 1º, os professores ocuparam a sede da Secretaria de Educação e seguem acampados por tempo indeterminado até a Prefeitura abrir negociação.

Em Recife (PE) professores realizam assembleia hoje (3/3) para deflagrar greve por tempo indeterminado, já que o prefeito João Campos (PSB) se nega a cumprir a lei. Em Minas Gerais os professores da rede estadual realizam assembleia no próximo dia 8, para votar greve contra o governador Zema (Novo).

No Maranhão existe um forte processo de mobilização dos trabalhadores da educação contra o governador Flávio Dino (PSB) e os prefeitos. No dia 22 de fevereiro ocorreram atos por fora da direção do Sindicato dos Professores da Rede Estadual, que é dirigido pelo PCdoB.

Pipocam greves de professores em diversas cidades brasileiras

Em várias cidades, a mobilização dos professores pelo pagamento do piso do magistério avançou para a greve. Em Teresina (PI) a greve da rede municipal de ensino teve início no dia

ATAQUES

Governadores do PT e prefeito do PSOL não cumprem piso do magistério

Não são apenas os governadores e prefeitos de partidos de direita que se negam a cumprir a Lei Nacional do Piso do Magistério. Os governos da dita “esquerda progressiva” também.

No Piauí os professores da rede estadual estão em greve contra o governador Wellington Dias do PT. O mesmo acontece no Rio Grande do Norte, contra a petista Fátima Bezerra. Na Bahia, o também petista Rui Costa segue sem cumprir a lei do piso.

Em Belém os trabalhadores da educação realizaram um grande ato no último dia 22. A mobilização fechou uma importante avenida da cidade e exigiu que o prefeito Edmilson Rodrigues (PSOL) pague o índice garantido pela lei.

O QUE FAZER?

Avançar para a Greve Nacional da Educação

No próximo dia 16 será o Dia Nacional de Mobilização da Educação pela garantia do pagamento do piso nacional. A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) precisa sair da inércia. Mesmo com os professores demonstrando disposição para a luta, a confederação segue paralisada, não se move para unificar as mobilizações e as greves que estão ocorrendo, rumo à construção de uma Greve Nacional da Educação.

ASSASSINATOS NA GAMBOA

O extermínio da juventude negra precisa parar! Rui Costa (PT) tem as mãos sujas de sangue

SECRETARIA DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU BAHIA

Três jovens negros – Patrick Sapucaia, Alexandre Santos e Cleberson Guimarães – foram executados sumariamente pela Polícia Militar da Bahia na madrugada de 1º de março, na comunidade Solar do Unhão, que fica na região da Gamboa, em Salvador. O PSTU emite sua solidariedade aos familiares, amigos e a todos os moradores da comunidade, a quem nos somamos na luta por justiça.

Por volta das duas horas, os policiais chegaram atirando e jogando gás lacrimogêneo. Os três jovens foram executados a sangue frio. Os moradores acusam os PMs de agirem sob o efeito de drogas.

POLÍTICA DO GOVERNO RUI COSTA

A violência e a truculência têm sido a prática da PM comandada pelo governador Rui Costa (PT), considerada a mais letal do Nordeste, liderando as mortes por chacinas. Os dados são do relatório “A vida resiste: além dos dados da violência”, da Rede de Observatórios da Segurança.



Comunidade protesta assassinato de três jovens em ação da PM em Salvador

As comunidades denunciam com frequência a forma violenta que a PM baiana chega às comunidades e a crueldade que trata os moradores, em sua quase totalidade pessoas negras, pobres e trabalhadoras. Alexandre, um dos jovens executados na Gamboa, morreu pedindo ajuda. Os policiais impediram que sua mãe prestasse socorro ao filho.

Rui Costa e a PM da Bahia aplicam uma política de extermínio da população negra. O relatório “A cor da violência policial: a bala não erra alvo” aponta que 96,9% das pessoas assassinadas pela Polícia Mi-

litar da Bahia, em 2019, eram negras. O documento foi publicado em dezembro de 2020, pela Rede de Observatórios da Segurança, projeto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC).

A violência policial permanece como prática corriqueira e naturalizada contra moradores dos bairros periféricos – negros e pobres – desde a criação da Polícia Militar do Estado da Bahia em 1825, por Dom Pedro I, para conter os “atos de indisciplina”. Surgiu em uma sociedade fortemente marcada pela escravidão e violência contra o povo negro, mas também por revoltas e in-

surreições negras. A elite precisava de um aparato militar que cumprisse a lógica de destruição de um inimigo interno; esse “inimigo” tem sido historicamente a população negra.

ELOGIO À CHACINA

A concepção de segurança pública do governo de Rui Costa é sustentada no extermínio do povo negro. Não foi à toa que o governador petista elogiou a chacina do Cabula, que ocorreu em fevereiro de 2015, promovida pela PM baiana. Diante da execução de 12 jovens no bairro do Cabula, em Salvador, Rui Costa comparou os policiais a artilhei-

ros de frente para o gol. Sobre as execuções na Gamboa, o coronel Paulo Coutinho, comandante-geral da PM, disse que as mortes dos três moradores são os “efeitos colaterais” da ação da polícia. O comandante comprou de pronto a versão de que houve troca de tiros, e a prova seriam as armas e drogas apreendidas. A versão dos PMs é que foram chamados porque uma pessoa havia sido feita refém. Onde está essa pessoa? Três jovens foram mortos, ninguém foi preso e o refém desapareceu. E logo aparecem drogas e armas para incriminar quem foi assassinado.

ROMPER COM O GOVERNO DO PT

É necessário dar um basta nessa situação. Ações violentas e arbitrárias como essa não podem seguir acontecendo. O movimento negro precisa romper com Rui Costa. Chega de cumprir o papel de vendedor de uma ilusão de que é possível acabar com o racismo dentro do capitalismo, governando com e para a burguesia. Ao ser parte integrante desse governo, acaba sendo responsável pela manutenção dessa realidade de violência enfrentada em nosso Estado.

MEDIDAS

É preciso barrar o extermínio do povo negro

De imediato é necessário exigir o afastamento dos PMs, a realização de testes toxicológicos e a abertura de uma investigação civil para apurar os casos. É necessário também exigir que o Governo do Estado implemente imediatamente o uso de câmeras nos uniformes de todos os policiais militares e civis. Essas são medidas emergenciais. Mas é preciso ir além.

A política de segurança imposta na Bahia é de aprofundamento do extermínio do povo negro. É o mesmo que faz Bolsonaro em nível nacional. Precisamos

derrotar Rui Costa na ação direta. Nos organizar e ir à luta por um modelo de segurança pública pensado e controlado pelos trabalhadores, apoiado em conselhos populares, e que impulse a construção de comitês de auto-defesa nos bairros.

A política de segurança pública deve ser sustentada por uma política de emprego e renda, saúde e educação, cultura, esporte e lazer para a juventude e o conjunto dos trabalhadores. É fundamental lutar, com todas as forças, pela legalização das drogas. Sua proibição favorece apenas os

barões do tráfico, que não estão nas favelas. E a burguesia, que tem um pretexto para manter a população pobre e negra sob violência permanente.

Todas essas medidas são importantes e necessárias, mas só vamos conseguir vencer efetivamente o racismo quando superarmos o capitalismo e construirmos uma sociedade socialista, onde mulheres e homens negros tenham verdadeiramente condições dignas e igualitárias para viver.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MNHNSR](https://bit.ly/3MNHNSR)



Alexandre dos Santos, de 20 anos, morto em Salvador, trabalhava como vendedor de roupas por encomenda na comunidade da Gamboa.

PARABÉNS AOS ENVOLVIDOS

Bolsonaro fechou três fábricas de fertilizantes no Brasil

Um dos motivos alegados por bolsonaristas pelo fato do seu presidente não ter condenado a invasão na Ucrânia é o medo de ficarem sem os fertilizantes comprados no país de Putin. O agronegócio teme uma retaliação da Rússia e ficar na mão. É a política externa da soja, mais um sinal da decadência do país.

Mas o setor, que apoia em massa Bolsonaro, é tão estúpido que “esquece” que o governo fechou três fábricas de fer-

tilizantes no Brasil, o que fez o país se tornar 100% dependente de importações do insumo. Bolsonaro fechou a Fafen (Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados) no Paraná, não concluiu a fábrica do Mato Grosso do Sul e paralisou atividades em outras duas fábricas, uma em Sergipe e outra na Bahia, para depois arrendá-las. O Brasil hoje importa fertilizantes da China, Ucrânia e Lituânia, e outras nações que já anunciaram redução e até interrupção

na produção por causa do aumento dos custos.

Uma campanha realizada pelos petroleiros alertou sobre os riscos do fechamento dessas fábricas. Eles avisaram, mas os sojeiros só estavam preocupados em defender o seu presidente e roubar terras dos indígenas. O pior é que a falta de fertilizantes não vai apenas atingir essa corja de latifundiários. Vai ter efeitos também na produção de alimentos, aumentando a inflação aprofundando a crise.



Bolsonaro fechou Fafen, fábrica de fertilizantes e mais outras duas.

PRECIPITADOS

Covid-19: Estados preparam flexibilização do uso de máscaras



O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), anunciou que irá flexibilizar o uso de máscaras contra a covid em locais abertos. A medida passa a valer a partir do dia 7. A Secretária de Saúde estadual do Rio de Janeiro vai anunciar a dispensa do uso da proteção facial inclusive em locais fechados.

Já o governo de São Paulo deve avaliar os impactos do carnaval nos números da covid para decidir. Mas até mesmo a obrigatoriedade das máscaras nas escolas pode cair nas próximas semanas, de acordo com o secretário paulista de Educação, Rossieli Soares.

Para fazer tais ações, contudo, é preciso ter a imunida-

de garantida pela vacinação de quase total da população. São Paulo atingiu mais de 80% da população com as duas doses. No Distrito Federal, esse índice está em 68,31%. No Rio, 67,75%. E a cobertura da dose de reforço é ainda muito pequena, de 35% em São Paulo, e apenas 27,89% e 26,5% no Rio e no Distrito Federal, respectivamente.

ABAETÉ AMEAÇADO

Prefeito de Salvador quer fazer obra no Abaeté

O prefeito de Salvador, Bruno Reis (DEM), tentar impor um projeto de urbanização das Dunas do Abaeté, que está situada em uma APA (Área de Proteção Ambiental), no bairro de Itapuã. Tal projeto, autoritário e construído sem a consulta à comunidade, vai na contramão do processo de revitalização e da proteção de uma área ambiental tão importante à Salvador. Por isso, defendemos a paralisação e a suspensão das obras, já!

O projeto, se realizado, vai ocupar uma área de 5.654 m², sendo

1.900 m² de área construída, com investimento de R\$ 5 milhões.

Além de um crime ambiental, o projeto da prefeitura é um ato de racismo ambiental, racismo religioso e intolerância religiosa, pois é público e notório a importância das Dunas e Lagoa do Abaeté ao povo de Santo (religiões de matrizes africanas). O projeto de urbanização é voltado a uma área de dunas que é frequentada por evangélicos, que buscaram inclusive a mudança do nome das dunas do Abaeté para “Monte Santo Deus

Proverá”, via apoio do vereador Isnard Araújo (PL). Após protestos, o projeto de lei (411/2021), que propunha tal mudança, foi retirado de pauta.

A APA das Dunas do Abaeté vem sofrendo com constantes ataques, inclusive por parte do poder público – tanto municipal como do estadual. O governador Rui Costa (PT) impôs a construção de uma Estação Elevatória de Esgoto às margens da Lagoa do Abaeté, mesmo com o posicionamento contrário da comunidade de Itapuã.



Projeto de urbanização das dunas do Abaeté atinge área de proteção ambiental